

Se, no entanto, é compreensível a cautela de Linton ao referir-se à necessidade de sua associação à Psicologia, à Sociologia e à Antropologia para uma melhor e mais abrangente, – ou holística, como está em moda qualificar-se as tentativas de abordagens transdisciplinares – compreensão da sociabilidade da espécie humana, os tempos são outros, e os progressos nas pesquisas dos fenômenos genéticos e – por que não? – da Sociobiologia, à qual os cientistas sociais têm o dever, em nome do próprio espírito científico, de estarem mais atentos – já obrigam os sociólogos e antropólogos a uma visão mais crítica – e, *ipso facto*, autocrítica – e relativizadora do conceito de cultura. E o fato de que o livro de Laraia destina-se a iniciantes não justifica a omissão dos problemas que o desenvolvimento recente de outros ramos do saber científico sobre o comportamento humano representam para o lugar do conceito de cultura nesse campo do conhecimento.

Sebastião Vila Nova
Fundação Joaquim Nabuco

SOKAL, Alan, BRICMONT, Jean. *Imposturas intelectuais – o abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos*. Trad. Max Altman. Rio de Janeiro: Record, 1999. 316 p.

Jaques Lacan, Julia Kristeva, Luce Irigaray, Bruno Latour, Jean Braudillard, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Paul Virilio, Jean-François Lyotard – quem ousa afirmar que, sob o sinuoso discurso de pensadores de tão alta reputação, nada mais existe do que puro *nonsense*? Os físicos Alan Sokal, da Universidade de Nova Iorque, Jean Bricmont, da Universidade de Louvain, em seu excepcional exercício de crítica *Imposturas intelectuais – o abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos* (Trad. Max Altman. Rio de Janeiro: Record, 1999. 316 p.). E o fizeram com a mais irretocável competência, honestidade e elegância acadêmica.

Antes das invectivas de Sokal e Bricmont, já o historiador Richard Morse, referindo-se aos “ágeis comentaristas franceses modernos”, expressara o ponto de vista de que a contribuição desses intelectuais não passaria de “um exercício um tanto incoerente de superficialidade pomposa”, lamentando que “os franceses [tenham

Recensões

abandonado] sua rica tradição sociológica, que vai de Saint-Simon a Le Play, Durkheim e Mauss [...].”(O espelho de Próspero. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 119).

Publicado originalmente na França em 1997, somente aparecendo em 1999 nos Estados Unidos, com o título bem mais mordaz e apetitoso de *Fashionable Nonsense*, o livro de Sokal e Bricmont – na realidade, mais que um livro, um verdadeiro petardo nas trincheiras do pós-modernismo – começou como uma farsa. Como explicam os seus autores:

Durante anos, fomos ficando escandalizados e angustiados com a tendência intelectual de certos círculos da academia americana. Vastos setores das ciências sociais e das humanidades parecem ter adotado uma filosofia que chamaremos, à falta de melhor termo, de ‘pós-modernismo’: uma corrente intelectual caracterizada pela rejeição mais ou menos explícita da tradição racionalista do iluminismo, por discursos teóricos desconectados de qualquer teste empírico, e por um relativismo cognitivo e cultural que encara a ciência como nada mais que uma ‘narração’, um ‘mito’ ou uma construção social entre muitas outras. (p. 15)

Assim, Sokal

decidiu tentar uma experiência não científica mas original: submeter à apreciação de uma revista cultural americana da moda, a *Social Text*, uma caricatura de um tipo de trabalho que havia proliferado em anos recentes, para ver se eles publicariam. O artigo, intitulado ‘Transgredindo as fronteiras: em direção a uma hermenêutica transformativa da gravitação quântica’ [...] eivado de absurdos e ilogismos flagrantes (p. 15-16)

foi, talvez para surpresa de Sokal, publicado. Mais do que isto: publicado precisamente em um número especial daquele periódico, voltado à refutação das críticas ao pós-modernismo e ao construtivismo social, por cientistas de alta reputação.

Com *Imposturas intelectuais*, pretendem os seus autores mostrar que

intelectuais famosos como Lacan, Kristeva, Irigaray, Baudrillard e Deleuze abusaram repetidamente da terminologia e de conceitos científicos: tanto utilizando-se de idéias científicas totalmente fora de contexto, sem dar a menor justificativa [...] quanto atirando a esmo jargões científicos na cara de seus leitores não-cientistas, sem nenhum respeito pela sua relevância ou mesmo pelo seu sentido. (p. 10)

O segundo objeto de discussão do ensaio de Sokal e Bricmont é o relativismo epistêmico, mais precisamente a idéia de que o saber científico não passa de mera invenção intelectual, sem compromisso algum com o conhecimento empiricamente demonstrado e, portanto, com a verdade. Verdadeiro manifesto contra os abusos e malabarismos verbais dos pensadores ditos pós-modernos, *Imposturas intelectuais* chama a atenção para a necessidade de retomar – e retomar com respeito – o grande legado intelectual do Renascimento e do Iluminismo.

Que a ciência constitua um discurso é fato inquestionável; mas não passe de um discurso é flagrante contra-senso. Que o conhecimento, inclusive o conhecimento científico, seja contingente, resultando de condições históricas das quais emerge, é constatação sociológica indiscutível e, como tal, saudável antídoto contra o cientificismo positivista (se ainda existe alguém que o defenda); admitir, porém, que as explicações da ciência não sejam mais do que um produto social representa expressão do mais primário sociologismo.

Sokal e Bricmont nos colocam diante da constatação elementar de que não é com prestidigitações verbais de gosto discutível que se faz ciência, nem Filosofia, dignas do nome. Afinal, como nos lembrou Wittgenstein: “Tudo o que pode ser pensado com clareza pode ser dito com clareza.” Depois de *Imposturas intelectuais*, o que quer que se denomine pós-modernismo já não será o mesmo.

Sebastião Vila Nova
Fundação Joaquim Nabuco